

VARIEDADE

GUIOMAR

(Continuação)

— Obdeci-vos, meu pae, e não sei sinão o que venderam dever ensinar-me, respondeu o moço n amargura.

— E é quanto basta a um fidalgo da vossa estirpe. s meu filho, e grande deshonra haveria em egua-vos aos advogados, aos padres e aos medicos, beus cujo officio é escrever e discutir. Mas não é aente para receberdes o meu parabem pela vossa itação que vos achaes neste momento na minha sença; uma cousa mais séria e que sem duvida vinhaes me preoccupa. Então, não adivinhaes? ex-mou o velho, que vio a surpresa pintar-se na phy-omia do moço.

— Confesso-vos, meu pae...

— Não adivinhaes que se tracta do vosso casa-ato?

— Casar-me! eu! Nunca pensei nisso, disse o co com tanta dôr quanto espanto.

— E fizestes bem, disse o conde Caetano de Bé-ne com um tom secco e duro. Não é ao filho, s ao pae que cabe a responsabilidade de um acto sa importancia.

— Não tenho gosto para o casamento, meu pae.

— Isso vê-se; mas tranquilisae-vos que com o po vos ha de vir o gosto. Na vossa idade eu pen-a exactamente como vós, e entretanto fiz o que s fazer, casei-me. Demais não pretendo obrigar-a casar contra vontade. Reflecti até amanhã e de então fallar-me. Esta noite tereis a honra de mpanhar-me á casa da pessoa a quem pretendo o nome de filha.

— Mas, meu pae...

— Consentis... obrigado; não esperava menos da sa obediencia ás minhas ordens e da affeição que tendes. A vossa noiva é de boa nobreza e de gentil ira. Confiae pois em mim sobre a escolha dessa osa que deveis amar, e dentro em oito dias será osso casamento celebrado com a approvação de M. Luiz XII, nosso senhor e nosso rei.

— Proferidas estas ultimas palavras n'um tom que permittia replica, João decidiu-se pelo partido is simples; afastou-se ás recuadas, saudando o r veneravel pae e pondo entre si e elle uma res-tosa distancia.

Feito isto, esqueceu toda a dignidade e correu no um doudo para a casa de Guiomar.

Guiomar nessa occasião dava de comer as aves e nsava em João.

Havia dois dias que o não via; esperava-o.

Guiomar não podia mais viver sem João e João m Guiomar.

O pae de Guiomar era um rico agricultor, o mais o daquelles sitios, e todas as herdeiras das herda-s visinhas invejavam-n'a menos pela fortuna, que la belleza.

Não havia naquellas seis leguas mais proximas na rapariga mais bella do que Guiomar.

Citavam-n'a até nas parochias mais afastadas, e pretendentes contavam-se por centenas.

Em todas as festas, Guiomar ouvia novas decla-gões.

Na missa dos domingos — ella era sempre a pri-eira que apparecia, acompanhada da tia — todos rapazes abriam alas á sua passagem, e esperavam-a paciente e religiosamente á sabida da igreja.

Seguiam-n'a todos e chegados á herdade os mais revidos dirigiam-lhe cumprimentos misturados de nargas censuras.

Mas a resposta de Guiomar era invariavel e tra-zia-se sempre por uma recusa, graciosa e pólida, as que matava todas as esperanças.

Ella amava João tanto como este a adorava. Nas-ra-lhe esse amor sem ella saber como. A principio ra do filho do fidalgo como dos simples aldeões.

— Os homens não casam sinão com raparigas de ta condição. Eu não quereria um trabalhador do mpo para marido, um fidalgo não pôde querer uma dean para mulher.

Isto dissera a si mesma a innocente Guiomar, que llava como um livro e raciocinava como um juiz. as o seu coração não deu ouvidos aos conselhos da rudencia; pouco a pouco, todos os bellos racioc-nios desapareceram e João triumphou dessa affec-ta indifferença.

Junctos passeiaram á sombra lo carvalho secular de esconde a herdade do castello. Tiveram desses

colloquios secretos, que lhes provaram terem os seus corações nascidos um para o outro.

João fallava como Guiomar, Guiomar fallava como João.

Nunca na terra duas almas se tinham compre-hendido melhor.

Quando João se calava, Guiomar ouvia-o ainda e entendia tão bem o seu silencio como as suas palavras, Ambos esqueciam então a distancia que os sepa-rava. Havia tanto pudor, tanta delicadeza no seu amor que não despendiam em vagos planos de futuro uma hora sequer da sua felicidade presente.

Nunca João lhe dissera que a desposaria; nem tão pouco Guiomar pensára em interrogal-o sobre esse ponto.

Era um amor puro, desinteressado, sem calculo das duas partes, que nenhum pensamento mau vinha entristecer. Amavam-se, eis tudo.

Si alguém os interrogasse sobre o futuro desse amor, elles olhariam um para o outro, singularmente surprezos.

Quaes foram pois o espanto e a dôr de Guiomar, quando João, ainda sob a impressão da confidencia paterna, correu para ella, banhado em lagrimas, a referir-lhe a triste verdade.

Guiomar dormia, e ainda feliz no sonho, desper-tava na implacavel realidade.

— O que vaes fazer, João? perguntou ella.

— O que me aconselhas tu.

— Obedecer, si não tens coração nem entranhas.

— Oh! não o creias, Guiomar; resistirei.

— Terás força bastant', João?

João hesitou.

— Tel-a-hei, disse elle; tel-a-hei porque te amo, Guiomar.

— Obrigada! creio, e a tua resposta salva-me do desespero; creio porque tenho necessidade de crer. Eu não sabia o que era amar, foste tu que me ensi-naste, e agora me parece que nada neste mundo nos pôde separar.

— E' como eu, disse João. Meu pae fallou-me em casamento, mas eu julgo que ouvi mal. Não é possivel que eu pertença a outra mulher que não a ti, Guiomar. Todas as mulheres me parecem feias e más; só tu, Guiomar, és bella e boa.

Nessa mesma noite, João de Bethune, montado no seu mais bello cavallo, acompanhava seu pae ao castello de Margarida de Clairvaud.

Era uma senhora de vinte annos no maximo, e lindissima.

Bem que possuidora de grande fortuna, parecia de uma simplidade extrema e extrema despretenção.

Era de boa nobreza e tinha direito de baixa jus-tiça e tambem de tutela.

Não era pouca cousa e entretanto ella não se mos-trava mais orgulhosa por isso.

Fallava com bondade aos seus inferiores e admi-nistrava os seus bens com doçura. Por isso toda a gente a amava. João, apesar do seu amor por Guiomar foi obrigado a convir que Margarida era encantadora.

Todos os aldeões que trabalhavam nas terras onde Margarida imperava eram felizes, todos os que se approximavam della reconheciam as riquezas do seu caracter, a bondade do seu coração e os encantos da sua belleza.

João, fazendo-lhe justiça, não sabia que meios empregar para declinar da honra de um tal casa-mento e da felicidade que elle promettia.

Recusar Margarida de Clairvaud era parecer in-sensato, e entretanto era Guiomar que elle amava.

Felizmente foi seu pae quem o veio livrar do embaraço.

— Confesso, disse-lhe João, que Margarida é moça e encantadora, mas eu não tenho gosto para o casa-mento...

Guiomar ha de ficar contente comigo, pensava o pobre João, admirado da sua audacia, e tremendo como si tivesse de responder a uma accusação do seu confessor.

— Queries dizer, meu filho, respondeu o velho conde de Bethune, que Margarida de Clairvaud vos despraz.

— Não vos disse isso; apenas...

— Comprehendí, e fallar mais seria inutil; dou-vos plena razão. Não basta desposar uma gentil senhora, é tambem necessario accrescentar pelo casa-mento os privilegios senhorias. Margarida de Clairvaud tem apenas direito de baixa justiça, a qual não pôde condemnar o delinquente sinão a uma multa que não exceda sete soldos e seis dinheiros. Despo-sareis Irene, filha mais velha do barão de Coutan-ces. Muito bem! esse casamento vale a pena, e vós

tereis direito de alta e baixa justiça sobre todas as terras do vosso feudo. No vosso castello haverá duas magnificas forcas patibulares.

— Mas, meu pae, quiz objectar João, as forcas patibulares não constituem a felicidade.

João era um caracter fraco.

Teve mil razões debaixo da lingua e não se atreveu a oppôr uma só á vontade paterna.

No dia seguinte achou-se na presença da poderosa Irene de Coutances, que o faria suspirar por Margari-da de Clairvaud, si elle podesse suspirar por outra que fosse Guiomar.

Irene tinha quasi trinta annos; de uma belleza contestavel, violenta, orgulhosa, tal era a noiva esco-chada pelo conde de Bethune, e tal pareceu a João, que, apesar de timido, sabia discernir.

João sentiu que a coragem o abandonava. O cora-ção baten-lhe mais apressadamente com a lembrança de Guiomar, mas faltou-lhe a força para resistir.

A' primeira palavra de apparente hesitação, seu pae fel-o calar e deu-lhe os parabens pelo novo casa-mento que o esperava.

O casamento effectuou-se, porque o conde de Bé-thune era cabeçudo como um bispo anglicano e poderoso como todo o senhor do bom tempo de feu-dalismo.

Casado, percebeu João que si deixára o paraizo com Guiomar, com Irene desposára o inferno.

— Deveis caçar falcões, disse ella um dia, e não abandonar nunca a vossa espada e matar todos os annos algumas duzias de aves de nossos servoe. E' este o costume, a que não vos podeis dispensar.

João, para que houvesse tranquillidade em casa, seguiu pontualmente os conselhos da imperiosa Irene, conselhos que ella bebia aliás no breviario da nobreza.

Mas bem depressa a vida do pobre rapaz tornou-se insupportavel. Teve de comparecer ás assembléas publicas, fallar em voz alta, condemnar a multas e castigos corporaes individuos que elle sabia serem innocentes.

João não estava talhado para ser um grande fi-dalgo da epocha. E como, apesar da sua boa vontade, não chegava nunca a satisfazer as exigencias de Irene, tinha de assistir a scenas domesticas, que acabavam de prostal-o.

O que principalmente lhe era fatal era o encontro com Guiomar.

Esta, muito tempo doente, inspirára serios cuida-dos pela sua vida. Sahia agora apoiada ao braço do pae, que, não entendendo a molestia da filha, accu-sava o demonio de lhe haver lançado um maleficio.

João, depois que Guiomar sahia, encerrava-se no seu castello. Era necessario que fosse noite fechada para que elle se aventurasse a divagar nos campos.

Irene que tinha os seus agentes secretos, soube logo o nome da mulher que occupava o coração do seu marido.

(Continúa)

EUGENIO MORET.

CASTRO ALVES

O Gremio Castro Alves é uma sociedade de moços in-telligentes e laboriosos, estabelecida nesta Córte; é o mesmo que commemorou tão brilhantemente o decennario do poeta bahiano.

Ultimamente celebrou uma sessão especial, a que con-vidou alguns cultores das letras para o fim de ouvir uma com-municação que o nosso distincto amigo, Sr. commendador Guilherme Bellegarde, tinha de fazer acerca de dous pontos da vida de Castro Alves.

A sessão foi muito interessante. Depois de dous dis-cursos de saudação, ouviu-se a communação do nosso amigo, que tratava especialmente de duas datas: a do nascimento e da morte do poeta. Havia incerteza e erro em relação a ambas. O Sr. commendador G. Bellegarde, com o escrupulo e exactidão que põe em todos os seus tra-balhos, deixou ambos os pontos perfeitamente resolvidos, não sendo mais possivel escrever a vida do poeta sem ter presente o escripto do nosso distincto amigo. As palmas que o acolheram foram de justiça; e, pela nossa parte, ao escriptor correcto e sobrio, ao investigador constante e pausado, damos tambem os nossos cordiaes emboras.



O LAGO DE ACHEN. — A CASA DOS PRINCIPES.

CIVILIDADE

NA EGREJA

(Continuação)

Podemos, embóra não cultivemos relações com qualquer pessoa, si a encontrarmos na porta da egreja, apresentar-lhe agua benta; é sempre a pessoa que deseja ser amavel para com outra, que a apresenta.

E' uma prova de deferencia e respeito; assim, quando um personagem importante, um rei, um bispo, visita uma egreja, vemos o cura recebel-o á porta lhe apresentar a agua benta.

E já que é considerado esse acto uma homenagem, convem quando se apresentar occasião, que a apresenteis a um pobre velho, a um mendigo; procedendo assim, daes-lhe mais que uma esmola; significa essa acção:

No templo do Senhor somos todos iguaes, desaparecem as differenças das posições sociaes: só se attende ao respeito que devem inspirar a idade e o infortunio.

E' pouco mais ou menos como a cerimonia da quinta-feira santa, em que o bispo lava os pés a doze pobres.

Recusar tomar agua benta das mãos de alguém é uma das maiores grosserias, uma prova de desprezo mal cabido; deveis acceital-a mesmo do vosso inimigo, das pessoas de procedimento equivoco, em signal de perdão e indulgencia, virtudes christans que se devem praticar ao menos na casa de Deus.

E' faltar ao respeito para com o pregador entrar ou sahir da nave durante o sermão.

Na Europa em muitas parochias, com justa razão se fecham as portas da egreja durante a predica.

Não convem sahir sem esperar as pessoas que nos acompanharam.

Essa maneira de proceder seria impolida mesmo para com uma amiga ou uma irmã.

De uma vez vi uma moça, á sabida do sermão, retirar-se, incontinentemente, sem se voltar, deixando atraz de si sua mãe e uma amiga, que foram detidas por uma circumstancia qualquer, e a inconsequente achou-se na porta, muito embaraçada no meio da multidão que a examinava curiosamente.

MME L. D'ALQ.

(Continúa)

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos do illustrado Dr. Lucinda Filho dois folhetins nitidamente impressos em Vassouras.

O Visconde de Araxá —, interessantes notas biographicas sobre o eminente cidadão Domiciano Leite Ribeiro em que se revelam as apreciaveis qualidades e talentos de que era dotado como homem politico, jurista, litterato e administrador.

Quatro poematos de Longfellow, fieis e graciosas traducções do original, em fluente verso vernaculo de quatro perolas do opulento escritorio do cantor de *Evangelina*. Pedimos venia para transcrever a que se intitula: *A Flecha e o canto*.

A FLECHA E O CANTO

Lancei ao ar uma flecha
Não sei onde foi cahir;
Partiu tão veloz que a vista
Não poudo o vôo seguir.

Ao ar deferi um cano
Não sei onde foi cahir;
Que vista aguda ha que possa
Do canto o vôo seguir?

Tempos depois n'um carvalho
A flecha perfeita achei;
E guardado em peito amigo
Liteiro o canto encontrei.

AS NOSSAS GRAVURAS

O Lago de Achen

O dois desenhos representam pontos de vista de um dos mais pittorescos lagos da celebre região Alpina, tão procurada cada anno por milhares de *touristes*, admiradores das magnificencias da natureza. Essa região onde se manifestam a cada passo os abalos por que passou o nosso globo em sua formação, é para o Europeu objecto de admiração que nós Brasileiros pouco partilhamos quando, seguindo o habito, visitamos a Suissa. Habitados como estamos aos esplendores e ao vigor da natureza tropical, em um paiz onde a primavera é perpetua, o céu sempre azul as montanhas e os rios tão numerosos e accidentados não nos podem comover as bellezas naturaes que o Europeu, privado de vegetação seis mezes no anno e habituado a encontrar povoado todo o paiz que percorre, pressuroso visita na estação propria todos os annos, para extasiar-se perante espectaculos esplendidos, sem duvida, mas de que nós gosamos perpetuamente, quasi sem sahirmos de casa.

A Festa Andalusia

Acabou a corrida de touros e os vencedores com alguns entusiastas admiradores procuram nos arrabaldes de Sevilha um sitio poetico para gozar os prazeres da dansa. E' notavel a côr local que o artista Mr. Emile Rougeron



O LAGO DE ACHEN. — A HOSPEDARIA DE SCHOTLASTICA



A FESTA ANDALUSA

soube dar á sua magnifica tela, cuja boa reprodução apresentamos ás nossas leitoras. A expressão de physionomias, grupamento dos personagens e belleza do collarido, fazem d'este quadro um primor de arte cujo assumpto, tão claro e poetico, torna desnecessaria uma extensa noticia.

HYGIENE

(Continuação)

TEMPERAMENTOS

Muito tem preocupado a sciencia a questão dos temperamentos.

Hoje, alguns auctores admittem um grande numero delles, reduzem-os outros a tres typos.

Sendo o temperamento a accentuação, a expressão das aptidões e das tendencias tanto physiologicas como morbidas do organismo, e sendo essas aptidões e essas tendencias tão variaveis de individuo para individuo como os traços da physionomia, póde-se dizer que cada individuo tem o seu temperamento especial.

Todavia é permittido reunil-os em quatro grupos, que são: os temperamentos *nervosos*, *sanguineos*, *lympathicos* e *biliosos*.

O temperamento nervoso associa-se facilmente com todos os outros.

Póde-se até dizer que os complica, porque se desenvolve em qualquer idade e em todas as condições sociaes, em consequencia de longas enfermidades, desgostos continuos, commoções violentas, grandes fadigas musculares, em uma palavra, de excitações physicas, moraes e intellectuaes diversas.

Tem como consequencias as molestias do systema nervoso, desde a simples nevralgia até a loucura.

Combate-se um temperamento nervoso por meio da gymnastica, um regimen tonico mas suave, pela força do character, um grande fundo de philosophia pratica.

Como calmantes, nas crises nervosas de qualquer especie, é melhor recorrer aos banhos tepidos prolongados e aos opiaceos do que aos anti-pasmodicos e á hydrotherapia, que são máus e infieis palliativos.

Para prevenir o desenvolvimento do temperamento nervoso, quando não é mais possivel subtrahir-se o individuo ás causas que o determinam, cumpre combater-lhe immediatamente as primeiras manifestações.

O temperamento sanguineo é caracterizado por uma pelle fina, mucosas carminadas, modos vivos e uma boa constituição.

As francezas offerecem bellos specimens desse temperamento, que, levado muito longe, predispõe ás hemorragias espontaneas e ás inflamações visceraes agudas.

Não se combate, cultiva-se esse bello temperamento.

O temperamento lymphatico é o antagonista do precedente. E' o que domina nas creanças, nos adolescentes, nas mulheres em geral, em nosso paiz e principalmente na Allemanha.

A alleman é o typo do lymphatismo, com os seus humores frios, o seu andar negligente, tez loura, olhos azues, character doce, impassivel, docil, e espirito accomodatício.

O proverbio diz: «Dizei a um lymphatico que se sente, e elle deitar-se-ha.»

Combatem-se os effeitos e previnem-se as consequencias desse triste temperamento pelos estimulantes, os cordiaes e os condimentos.

Assim, á cerveja substitue-se o vinho; aos legumes farinaceos, indigestos, fermentados, os legumes colhidos de fresco e convenientemente cosidos.

As consequencias pathologicas do lymphatismo exaggerado são a chlorose, as flôres brancas, as escrophulas, as caries nos ossos e as degenerescencias tuberculosas dos tecidos e das visceras.

O temperamento bilioso, que é tão commum na Hespanha, no Brasil e em todos os paizes quentes, é representado por um grande numero de individuos de ambos os sexos de tez trigueira e cabellos pretos.

E' o temperamento athletico por excellencia. Parece resultar de uma grande e facil absorpção

de alimentos e bebidas de excellente qualidade. Assim, conduz aos calculos biliares, ás areias, á gotta e ás molestias do coração.

E' nesses individuos que o abuso dos gozos materiaes da vida provoca mais habitualmente alterações profundas do sangue, dos rins e do figado: diabetes e o cancro.

As aguas mineraes de Vichy e de Contrexéville no verão: um regimen frugal, a sobriedade e exercicios musculares em todas as estações, taes são os meios therapeuticos e hygienicos com que os biliosos se dão melhor.

Para o cruzamento das familias humanas pelo casamento, basta attender a estes quatro grupos de temperamentos typos, e evitar a junção de dous individuos nervosos, ou sanguineos, ou lympathicos, ou biliosos, bem caracterisados.

(Continúa).

DR. RICARDO C.

HORAS DE OCIO

Muito nos lisongeia a carta que em seguida reproduzimos não sómente por ser de uma das nossas leitoras que estamos convencidos ser tão formosa quanto amavel, como para satisfazer o desejo expresso, que aliás muito nos honra, pois esta secção foi creada no jornal principalmente para que n'ella se exercitasse por todos os modos o espirito imaginativo e prespicaz das nossas intelligentes patricias.

Sr. Nemo

«Tenho acompanhado com interesse os exercicios do espirito que ha mais de dois annos V. publica nas columnas da nossa tão presada *Estação*. Quando cansada do trabalho manual de levantamento de moldes, e sturas ou bordados, que com tanta profusão nos dá esse utilissimo jornal, quero passar uns momentos agradaveis, é com prazer que procuro o supplemento litterario, onde a par do sempre interessante puro e correcto estylo do nosso Machado de Assis, das chronicas tão interessantes e despretençiosas do Dantas, encontro os exercicios intellectuaes que V. com rara sagacidade apresenta ás leitoras da *Estação*. Notei com prazer quanto procurava afastar-se das nossas classicas charadas, logogriphos e outros enigmas que divertiam as nossas avós no tempo em que os moles e conceitos a premio eram o monotonno e eterno exercicio dos salões. Interessaram-me principalmente os problemas de cryptographia que por si só são variaveis ao infinito e que, constituindo um magnifico exercicio intellectual, promovem além do deleite um fructuoso trabalho, habituando ao raciocinio e ás deducções que formam a base de toda sciencia.

Desejando que muitas das minhas collegas assignantes da *Estação* sigam o exemplo correndo ao chamado que V. tem feito, peço para que desta vez me conceda dar os tres problemas costumados, se é que V. não os ache por demais ruins, e deixe no escriptorio da *Estação* uma carteirinha bordada, cujo modelo foi copiado no mesmo jornal, e que com o maior prazer destino ao decifrador dos enigmas que ahí vão.

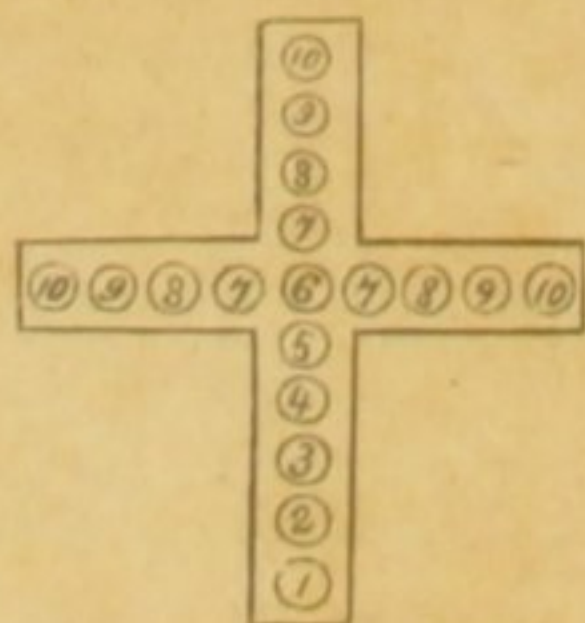
Cryptographia

E j v a a e n i o e d r a a o c r e r m s ä v p r i a
i h v n e v e p r a l n a e ä a d q e e v i o.

A cruz de brilhante

Uma senhora possuindo dezoito diamantes iguaes levou-os a um joalheiro para que lhe fizesse uma cruz, encastoando n'ella os diamantes, porém por tal forma que contando-os a começar do pé da cruz quer para o alto quer para a extremidade dos braços seja 10 o numero achado.

O joalheiro fez o desenho seguinte e mostrou-o á sua fregueza.



— E' isso mesmo, diz ella.

— Pois bem minha senhora possa fazer-lhe a cruz nas condições que deseja e de forma tal que ainda

me sobre 2 brilhantes para um par de bichas. Quer V. Ex. autorisar-me para isso.

— Sim senhor, diz a fregueza, que não comprehendendo como resolverá o joalheiro o problema e o pergunta á leitora.

Anagramma

Com a 1ª e 4ª vogaes, com 14ª e 15ª consoantes formai 5 palavras portuguezas.

Recebemos grande numero de decifrações dos problemas 61, 62, 63, publicados no ultimo numero. Algumas certas nos tres casos, muitas certas apenas em parte e algumas infelizes.

Quem foi feliz porém foi a Ex. Sr. D. B. B. F. E. que respondeu.

Ao quadro magico (61)

1	2	3	4	5
3	4	5	1	2
5	1	2	3	4
2	3	4	5	1
4	5	1	2	3

Ao recreio geographico (62)

Quem espera sempre alcança. Phrase obtida tirando uma letra de cada nome de lugares do Brasil citados, sem alterar a ordem.

A' phantasia arithmetica.

1+12=13, 2+11=13, 3+10=13, 4+9=13, 5+8=13, 6+7=13.

NEMO

N. B.— Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida a Nemo, no escriptorio desta folha.

CORRESPONDENCIA

46661. Therezina — E' com o maior prazer que indicamos ás nossas leitoras que residem distante da Corte, as casas recommendaveis a quem possam dirigir-se para obter em toda confiança os artigos de modas que desejem; não podemos, porém, nos incumbir de fazer e remetter essas compras por iss' que sendo objectos estranhos ao nosso negocio resultaria muitas vezes prejuizo para o de-tinatario. Entregamos portanto a sua encommenda a casa Notre Dame de Paris com quem rogamos a V. Ex. se entenda directamente.

58617. Cachoeira — Uma folha como a nossa não póde mathematicamente publicar-se em hora certa. A parte artistica exige cuidados que não podem ser avaliados com precisão. Resulta d'ahi que a *Estação* póde as vezes publicar-se com demora de um ou dois dias. Já não é pouco conseguirmos que nunca se demore mais do que isso.

57115. Nazareth — Não é necessario esperar o mez de Janeiro, se a amiga de V. Ex. quer assignar a *Estação*, pois em qualquer mez póde uma assignatura com-çar. O que está porém, sujeito a datas fixas é o final das assignaturas. Assim é que a assignatura pedida póde começar em Setembro, em Outubro, em Novembro ou Dezembro, para que termine com trimestre certo, isto é, em Setembro de 1883 far-se-ha, no primeiro caso por 13 mezes, no segundo por 1 anno, no terceiro por 11 mezes e no quarto por 10 mezes, sendo os preços respectivos 15\$, 14\$, 13\$ e 12\$000.

60012. Campinas — Temos por vezes indicado as nossas leitoras o meio de remediar uma desgraça e moade que nos falla V. Ex. A casa Salngre nesta Côte tinge ou limpa (quando seja possivel) fazendas por mais delicadas que sejam no tecido ou cor. Dirija-se V. Ex. a ella, Rua 7 de Setemb. o 29 e ella de certo indicará um meio de salvar a custosa toilette manchada.

54593. Belém — Não podemos fazer a troca pedida porque o jornal não sendo publicado no Rio de Janeiro seria necessario avisar para Londres, perdendo-se muito tempo sem probabilidade de ser aceita e proposta.

61084. S. Paulo — Recebemos as collecções da *Estação* que V. Ex. nos manda para encadernar e apenas estejam promptas entregaremos na casa que V. Ex. indica.

57524. Porto Alegre — A publicação da *Mãe de Família* não está suspensa. Diversas circumstancias independentes da nossa vontade tem obstado a que ella se pudesse publicar ulimamente com regularidade.

49237. Recife — Entregamos ao nosso collaborador Nemo a carta que V. Ex. dirigiu a Redacção d'esta folha, elle dará o competente destino.

53164. Juiz de Fóra — Aceitamos a proposta. Queira enviar o manuscrito.

60748. Barbacena — No proximo numero deve sahír justamente aquillo que V. Ex. nos pede. E' uma coincidência porque de outra fórma, ainda que com a melhor vontade, com difficuldade poderiamos servir.

63691. Parahyba — Agradecidos. V. i o que pede a 10.